CADERNOS MACAMBIRA

*ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2173.*
*Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver*

**RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT**

# O MORRER NA ROÇA: REFLEXÕES NA FAMÍLIA, NATUREZA E CULTURA

## DYING IN THE COUNTRYSIDE. REFLECTIONS ON FAMILY, NATURE, AND CULTURE

**Ana Maria Anunciação da Silva**[1]

[1] Pedagoga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Grupo de pesquisa: Família, (Auto)Biografia e Poética (FABeP/UCSal). Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES. Autora correspondente: anamaria.silva@ucsal.edu.br

**Recebido**: 29/04/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

**RESUMO:** Este relato autoetnográfico tem por objetivo apresentar as minhas reflexões, sensações e sustos sobre o tema da morte e do morrer. Escolhi escrever na condição de "neta", refaço o percurso do viver da minha avó paterna, Maria, mulher negra da/na roça, situo as reflexões em sua vida e pós-vida, evidencio que o morrer na roça é conduzido pela identidade familiar, suavizada pela natureza e ritualizada nas ancestralidades negras, faço o achado de que a morte sempre foi um tema evitado na minha infância e ainda é por prevalecer o pensamento de perda, e ao final, me deparo com a descoberta: a existencialidade de vó Maria está a todo momento ressoada no cotidiano do viver, conviver, encontro-a no quintal, nos temperos, nos hábitos, nos conselhos, nas escolhas, no (i)material que se expande a uma consciência e influência nos relacionamentos familiares que tecemos hoje.

**Palavras-chave**: Vidas. Roça. Finitude.

**ABSTRACT**: This autoethnographic account aims to present my reflections, sensations, and fears about the theme of death and dying. I chose to write in the position of 'granddaughter,' retracing the life journey of my paternal grandmother, Maria, a Black woman from/on the farm, situating my reflections in her life and afterlife, highlighting that dying on the farm is guided by family identity, softened by nature, and ritualized in Black ancestries. I find that death was always a topic avoided in my childhood and still is due to the prevailing thought of loss, and in the end, I come across the discovery: the existentiality of Grandma Maria is continuously resonating in the everyday life of living and coexisting, I encounter her in the yard, in the seasonings, in habits, in advice, in choices, in the (im)material that expands into a consciousness and influence in the family relationships we weave today.

**Keywords**: Lives. Countryside. Finitude.

## 1. APESAR DOS "SILÊNCIOS"

Esta escrita fala a respeito de vida e vidas. Aqui, faço, autoetnograficamente, reflexões sobre a morte; pelas palavras, tento "destrinchar" um pouco sobre as minhas compreensões possibilitadas durante e

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

pós as aulas do componente curricular Estudos da Família Contemporânea: reflexões sobre a morte e o morrer do Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

No reler das palavras, tempos e acontecimentos, precisei reescrever partes do texto, à luz de novas compreensões encontradas em mergulho na minha história familiar, 'vivenciei outras mortes', 'sustos', 'mistérios', 'descobertas', 'silêncios' e 'silenciamentos'. Para mim, a morte agora é como todas as dimensões da vida de uma pessoa, sempre possível de ser olhada a partir dos contextos e subjetividades "visíveis e invisíveis", que territorializam corpos vivos ou não.

Fiz constatações dolorosas já 'amadurecidas', tratadas nas análises, me inquietei com a descoberta: a morte ressoa de maneira diferenciada nos membros de uma família, quase sempre revelando dimensões do 'amor'. Agora, estou a reler a família, o tempo, a história, o vivido, as minhas raízes, não a partir de [...] um conteúdo, mas [da] abertura de uma dimensão que não poderá mais vir a ser fechada, estabelecimento de um nível que será ponto de referência para todas as experiências daqui em diante" (Merleau Ponty, 2014, p. 148).

Pensar, refletir, falar e escrever sobre o morrer nunca foi fácil para meu ser-viver, posto isto, reconheço que as aulas colocaram em movimento o me dar conta da vida, (re)conheço: precisava escutar e participar da conversa, inevitável. No acontecer da disciplina, percebi que é possível tratar sobre a morte a partir de um olhar interdisciplinar, tomando a história, a memória, a pessoa em contextos diversos do acolhimento, fazendo escolhas para uma vida com sentido.

Nas reflexões possibilitadas pelas exposições, às duras penas do pensamento ampliado, desconstrui um pensar de outrora que se alicerçava na ideia de que o morrer era perder. Explico: esse tema sempre foi reprimido em se falar; sempre vivi com a dificuldade de tratar desse assunto, na família, na cultura e na natureza da roça. Além de ser cultural, por aqui na roça evitar a presença de crianças em velórios e enterros. "Suspeito" de que há uma pitada de "proteção" a cerca disso, talvez uma precaução, para não sermos tomadas pelos sentimentos de tristeza e desesperança, "poupando-nos" da certeza de sermos corpos negros situados na desigualdade social histórica e estrutural.

Apesar de eu não ter sido educada para a conversa sobre a morte “morrida”, a finitude, me dou conta de que na roça, na agricultura familiar, o cuidar era e é a estratégia de longevidade que transborda o debate saúde e doença, nos cuidamos, a partir do corpo inserido nos contextos da família, do tempo, do espaço geográfico, das palavras, da escuta, das sabedorias e das práticas da cura. Acrescento, nas intenções, nos gestos políticos, nos elos comunitários, em ações entrançadas às ecologias das memórias ancestrais: nascimento em parteira, rezas, chás, garrafadas de meladinhas e patuás. Nessas e noutras experiências vividas e testemunhadas de habitar uma corporeidade feminina negra na/da roça, o inventário da vida, não se finda com a morte. No próximo tópico, trago em miúdos, a discussão sobre a morte e o morrer na roça a partir de minha origem e ancestralidade negra.

## 2. REVIVENDO

Recordo-me da morte da minha avó Mãe-Maria, no ano de 1998, mulher negra, agricultora, de estatura média, cabelos macios, riso tímido, corpo contido, gentileza e criatividade grandiosas. Eu que convivia tanto com ela, pensava que, por sua sabedoria, nunca fosse partir, sinto saudades...Talvez, hoje, daquela menina obediente, eu fosse considerada por ela como uma pessoa rebelde, e de fato tenho me tornado.

Lembro-me que ela evitava descontentamentos e sempre se opunha a favor das conciliações quando nossas divergências efervenciam para “debates mais acalorados” e, por fim, “inimizades”. Elo entre nós, pelo exemplo, pelo respeito, pela amistosidade, foi nos educando assim, dizia: “Eu recebo conselhos até de crianças”, “Quem não ouve conselhos, ouve depois...coitado”. Seus conselhos são guardados e valorados e influenciam nas decisões que faço na vida. Inclusive, eu poderia não seguir seus conselhos, todavia, não havia recusa em escutá-los da minha parte.

Ela, que gostava de casa cheia, movimento, me ensinou, e ainda ensina, o quanto a terra vem me tornando mulher negra, habitando na roça, numa existência criação. Destaco seus temperos que transformavam e transformam o que temos e produzimos na roça em iguarias, a receita do batido de ovo da galinha caipira, o coentro de quintal adicionado no momento final do cozido de bredo e do maxixe que catávamos e catamos, no modo de preparar o caruru de



Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522173, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2173 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

palma e do doce do seu fruto em flor, a fortaleza do coquinho de ouricuri com café preto, o doce caramelado de castanha assada no tacho, a textura do angu e do cuscuz com o milho pilado no pilão, "[...] tronco ancestral do sustento familiar" (Silva, 2025, p. 76). Como uma existência como a de minha vó Mãe-Maria pode se findar?!

Confesso que, ao pensar a existência, vida e finitude, sou 'especada' por minha avó Mãe-Maria, pela possibilidade em viver, como ela fazia com as ervas de seu quintal, naquele terreiro que não faltava vida, no mesmo onde estive naquela noite fria, durante seu velório na sua-nossa casa, hoje centenária.

**Figura 1** – Casa de minha avó Mãe-Maria



**Fonte**: Arquivo pessoal.

Ali, sentada nas esteiras, sob os lagedos do terreiro na frente, lados e fundos da casa, na noite fria, me lembro que não quis fazer parte das conversas, eu estava triste, revoltada! Como assim vó Mãe-Maria se foi? Pensava ardentemente que ela não poderia nos abandonar, deixar a casa, o cuidado, o quintal, tudo. Senti dor, queria trazê-la de volta, nada do que me dissessem faria sentido e, por isso, apenas me envolvi na coberta de retalho.

Permaneci ali, em silêncio por fora e borbulhando por dentro, faziam horas, o entra e sai na sala, as mulheres negras em vai e vem, sim, são elas as cuidadoras do corpo são vivo, dos adoecidos e dos mortos. Em conjunto, elas na preparação de chás de erva-cidreira, capim-santo, melissa, laranjeira e café, atenuando a dor com os passos, os olhares, o abraço, sendo continuidade sem a necessidade de dizer uma palavra sequer.


*Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522173, 2026.*
*https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2173 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver*

Observei os homens, também agrupados, conversando muito e sempre, me pareceram noutra dimensão, contavam causos, piadas, bebiam cachaça. Meu pai, filho de vó Mãe-Maria, e seus irmãos iam tomando as providências relativas aos avisos, 'quem foi avisar aqui, ali e acolá?'. Era preciso enviar um portador para dar a notícia aos seus parentes mais longínquos, essa pessoa é escolhida na família, alguém que vai geralmente acompanhado, e para tal, haviam exigências: saber do que ocorrera, e mais, ter habilidade para noticiar, estar ciente dos horários dos ritos, principalmente do enterro na cidade; ato com qual eu continuo não concordando. Na janela histórica, do olhar para a morte na roça, percebo que faz sentido para mim, como mulher negra da roça, agricultora e doutoranda, entender essa certeza a partir do contexto e da subjetividade.

Voltando àquele dia, que também é hoje, às 03:00 horas da manhã, resolvi vir para casa, sozinha, me dispus reflexiva pelo caminho, que até hoje, liga nossa casa a dela. Logo no quintal, o cheiro e a presença dos hortelãs: graúdos, miúdos e o de todas as dores, como ela dizia. No escuro, me dei conta do seu candeeiro emergencial, o fifó, ao passar pelo ouricurizeiro, me recordei de seu corpo abaixado catando os caroços que se transformavam em café compartilhado, cocada. Ao embaraçar as pernas nos garranchos, lembro das capturas da lenha para os cozidos. Novamente, ao atravessar a trincheira da fontinha, onde estivemos juntas à beira das águas, nos lagedos, clarando as roupas, lavando nossos cabelos crespos, a raspa dos juás para a higienização, a babosa para umectação e por fim o óleo do ouricuri, da mamona ou a banha da galinha aromatizada. Novamente, cito Silva (2023, p. 171), quando diz que esse "término que não é o fim", confesso! Morrer é ter tido uma vida significada, a minha avó foi plantada e virou "semente crioula". Para sempre Mãe-Maria!

## 3. VEIO À TONA

Numa conversa franca, interdisciplinar e provocativa na disciplina Estudos da Família Contemporânea: reflexões sobre a morte e o morrer, a mim foi concedido espaço para escutar e proferir palavras, memórias, vivências enraizadas na minha "[...] história de vida que envolve o encontro com os 'outros'. [...] dos conhecimentos herdados da avó, do seu protagonismo [...] e da corporeidade (em-si) de um patrimônio imaterial, oriundo da tradição ancestral [...] (Silva; Souza, 2022 p. 43).

Ao acenar brevemente uma autoetnografia sobre o morrer na roça, fiz reflexões na família, caminhei pelas vias da cultura e da natureza, pela disciplina, eu compreendi outras dinâmicas que se relacionam com o morrer e o viver, me dei conta de ter feito ressignificações da/para a vida, agora entendo melhor sobre o processo de finitude, que, para mim, se inicia desde o nascer, no entanto, venho percebendo que durante o velório e no enterro, as pessoas têm feito nem sempre de maneira respeitosa uma análise da vivência de quem se foi corporeamente, o acontecimento da morte me faz concordar com a autora Ana Cláudia Quintana Arantes quando intitula seu livro “A morte é um dia que vale a pena viver” (2019).

Durante o componente curricular, aprendi muitas coisas, dentre tantas, elenco e destaco a percepção desenrolada na família:

> Diante de uma doença grave e de caminho inexorável em direção à morte, a família adoece junto. O contexto de desintegração ou de fortalecimento dos laços afetivos permeia, muitas vezes, fases difíceis da doença física de um de seus membros. A depender do espaço que essa pessoa doente ocupa na família, temos momentos de grande fragilidade de todos que estão ligados por laços afetivos, bons ou ruins, fáceis ou difíceis, de amor ou de tolerância, até mesmo de ódio. As consequências da experiência de doença alcançam a todos, e a rede de suporte que o paciente tem pode ajudar ou dificultar esse momento da vida (Arantes, 2019, p. 53).

Ao avaliar os debates nas aulas, assumo que, em meu ‘solo interior’, refletir sobre a morte me permitiu compreender que ela é uma experiência que “[...] passa por mecanismos próprios de expressão, percepção e comportamento” (Arantes, 2019, p. 52). Reflito, ainda, que o componente foi uma semeadura em tempo bom, que brota, cuida, se multiplica e se vai, vira semente crioula. Guardamos as sementes crioulas ou da “paixão”, com estima, respeito e amor, de maneira semelhante, me permito a uma abertura, guardar as pessoas com amorosidade, reconhecendo o vivido e o vivificado, porque fica sempre muito de quem “se vai”, fica conosco, no ambiente, nos objetos, na ancestralidade negra que ressoa. Logo, “quem morre continua vivo” e continua ainda mais vivo(a) quando se faz e pode fazer suas escolhas na vida.

Quando trago para a análise a dimensão ética sobre a morte e o morrer, questiono os protocolos, as burocracias e os desacordos familiares, me vi enredada em reflexões que me tocaram, relacionadas ao sofrimento, querer cuidar do “outro”, descobri ainda mais, tenho discordâncias no tocante aos rituais

na morte, principalmente quando a vontade da pessoa morta não prevalece, “parece que algumas pessoas tomam o momento por acerto de contas”, identificando ressentimentos e pondo-os na arena do “corpo” que já não decide mais por si. Contudo, entendo que algumas decisões estão estritamente ligadas às religiões e espiritualidades, fiz novas descobertas do ponto de vista do catolicismo, das práticas adotadas na umbanda e candomblé e nas prerrogativas do mundo dos evangélicos, pareço ter feito um universo de descoberta, pontuo: no período do curso da disciplina, vivi um luto, daí, me defrontei com um universo de coisas desafiadoras e conflituosas, interferências nos vínculos familiares. De tudo isso, penso: “viver e morrer em paz” não é possível para todas as pessoas.

## 4. JAMAIS O FIM

Ao escrever essa autoetnografia corajosa, sentida, temida e ressignificada, senti saudades, que “[...] fazem parte dos vínculos ancestrais, culturais, territoriais e identitários que acontecem na historicização de que se fez [faz] existindo em ruralidades (Souza, 2024, p. 5).

Por ocasião, resolvi quebrar coquinhos de ouricuri e tomar com café preto, enquanto falava ao telefone com uma prima-irmã sobre avó Mãe-Maria, então “testemunhamos”, somos as sementes que ela guardou e cultivou com honestidade, às condições de sua época, com a parceria da cultura e da natureza. Mãe-Maria, foi tecendo o “eu” na palha, formando e costurando uma esteira de saberes, que hoje emergem na continuidade do “nós”.

Aprendi também sobre os judeus e a morte pela ótica jurista, com destaque para as tensões familiares, a perduração de conflitos que envolvem não somente a partilha de bens, mas que afloram o território das subjetividades nos (des)acordos, ‘quem fica com o quê?’!

Enfim, há em mim uma abertura, dar-se conta de estar entrançada, na família, ancestralidade negra, natureza, cultura, tempo. Uma pessoa é lançada ao desafio de viver relacionalmente com coisas, pessoas e espaços. Aqui em questão, vou sendo, me tornando, investigando a mulher negra da/na roça, como algo “[...] sempre a escapar, de maneira que, sobre ele, não podemos falar a partir de contornos totalmente definidos, nem de características determinadas uma vez por todas, ou fechá-lo em algum conceito”, como posto pela Doutora Denise Costa Magalhães (2016, p. 13). Em movimento porvindouro, aceno para

uma experiência, uma busca compreensiva maior, na qual almejo 'desocultar' e 'desvelar' por meio do método da autoetnografia colaborativa à deriva, desenvolvido pelo grupo Família Autobiografia e Poética-FABEP, da linha contextos e subjetividades, no Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea e o colaborativo existente na roça, a compreensão: como a história familiar tem repercutido na existencialidade da mulher negra da/na roça e no mundo?

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

COSTA, Denise Magalhães. A Referência de si do *Dasein* como ser-no-mundo em Heidegger. *In*: MONTEIRO, Geovana da Paz (Org.). **Discussões filosóficas**. Cruz das Almas: Ed. UFRB, 2016. p. 11-22. Disponível em: http:www.repositario.ufrb.edu.br/bitstream/prefix/986/1/Discussoes%20filosoficas.pdf. Acesso em: 3 jun. 2025.

MERLEAU PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução de José Artur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Relato da aula: no quintal de Dona Rami tem saberes, segredos e história. *In*: GAYO, Clarice E.; SATLER, Carla F. da Silva (Orgs.). **Ensinar História**: Etnicidades. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022. p. 40-45.

SILVA, Ana Maria Anunciação da. **A história de vida de uma mulher negra da roça**. Curitiba; CRV, 2025.

SOUZA, Antonio José. **Ruralidades em vó Maria**: (auto)etnografia pelos trilhos memorialísticos da infância. Revista Ouricuri, Brasil, v. 14, n. 1, p. 38-52. Disponível em: https://doi.org/10.59360/ouricuri.vol14.i1.a18393. Acesso em: 28 abr. 2026.